

*Caboclos **Rebeldes***

*Uma aventura pela Guerra do
Contestado*

Ricardo de Campos

Copyright © 2016 by Ricardo de Campos

Edição do autor

Capa RICARDO DE CAMPOS

Foto de Capa CLARO JANSSON

Revisão historiográfica ALEXANDRE ASSIS TOMPOROSKI

Ficha Catalográfica

Catalogação na fonte elaborada pela Bibliotecária Camila Guimarães – CRB 14/941

C198c Campos, Ricardo de
Caboclos rebeldes: uma aventura pela guerra do
Contestado / Ricardo de Campos - Canoinhas:
Autor editor, 2016.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-920439-0-2

1. História de Santa Catarina. 2. Ferrovia São
Paulo - Rio Grande. 3. Serraria Lumber. 4. Guerra do Contestado.
5. Sertanejos rebeldes. I. Título.

CDU: 981.05

Sumário Cronológico

<i>Ana e Tobias (janeiro de 1911)</i>	8
<i>O baile de pixirum (janeiro de 1911)</i>	12
<i>A festa de São Sebastião (fevereiro de 1911)</i>	22
<i>Guiado por forças de outro mundo (maio de 1911)</i>	32
<i>Morada de chão batido (junho de 1911)</i>	36
<i>Os senhores dos ervais (junho e julho de 1911)</i>	43
<i>Os três cavaleiros do inferno (outubro de 1911)</i>	54
<i>I'm gonna kill you! (outubro de 1911)</i>	62
<i>O agregado do coronel Osório (outubro de 1911)</i>	65
<i>A Brasil Railway e a Lumber (novembro de 1911)</i>	73
<i>O acampamento e a serraria Lumber (fevereiro de 1912)</i>	86
<i>A bela dama do filme (março de 1912)</i>	100
<i>Conduzindo a tropa (março de 1912)</i>	104
<i>Da seiva ao sangue (abril e maio de 1912)</i>	117
<i>A festa do Bom Jesus de Taquaruçu (agosto de 1912)</i>	126
<i>O monge José Maria (agosto de 1912)</i>	136
<i>Rumo ao Irani (outubro de 1912)</i>	143
<i>A peleja no Banhado Grande (outubro de 1912)</i>	154
<i>The independence day (julho de 1913)</i>	166
<i>A vinda do frei franciscano (novembro de 1913)</i>	174
<i>Lobos na pele de cordeiros (novembro de 1913)</i>	179
<i>O milagre (novembro de 1913)</i>	186

<i>O segundo reduto em Taquaruçu (dezembro de 1913)</i>	<i>196</i>
<i>O mediador frei Rogério Neubaus (dezembro de 1913)</i>	<i>207</i>
<i>O primeiro ataque à Cidade Santa de Taquaruçu (dezembro de 1913)</i>	<i>213</i>
<i>O segundo ataque à Cidade Santa de Taquaruçu (fevereiro de 1914).....</i>	<i>224</i>
<i>A segunda Cidade Santa de São Sebastião (fevereiro a março de 1914).....</i>	<i>240</i>
<i>Tocaías, disfarces e emboscadas: o combate de Caraguatá (março de 1914).....</i>	<i>247</i>
<i>A expedição do general Mesquita (abril de 1914)</i>	<i>259</i>
<i>O ataque à vila de Canoinhas (julho de 1914).....</i>	<i>266</i>
<i>Um certo capitão Matos Costa (agosto de 1914)</i>	<i>274</i>
<i>Calmon em chamas (agosto de 1914)</i>	<i>287</i>
<i>Ataques cuidadosos, ataques desastrosos (agosto a setembro de 1914)</i>	<i>292</i>
<i>Inimigo de dois exércitos (setembro de 1914).....</i>	<i>303</i>
<i>A fome, a guerra, a peste e a morte: as quatro frentes do general Setembrino (janeiro a fevereiro de 1915).....</i>	<i>310</i>
<i>A queda do reduto-mor (fevereiro de 1915)</i>	<i>325</i>
<i>A resistência cabocla (março a outubro de 1916).....</i>	<i>332</i>
<i>Açougue: a fase do terror (março a outubro de 1916).....</i>	<i>345</i>
<i>Tobias e Ana (fevereiro de 1915 a março de 1920).....</i>	<i>362</i>
<i>Bibliografia consultada</i>	<i>376</i>

Prefácio

Tive o privilégio de realizar a revisão historiográfica da obra e posso afirmar que a odisseia de Ana e Tobias tem como referência os resultados das principais e mais recentes pesquisas acadêmicas sobre o Contestado. O enredo, ao congregar aventura, romance e ação, prende a atenção do leitor e, principalmente, ensina a história do Contestado de modo divertido, ao tornar acessível ao público leigo um conhecimento que até então se manteve restrito aos círculos acadêmicos.

Considero a obra do professor Ricardo de Campos uma grande contribuição para os esforços que buscam a disseminação da história do Contestado e o aprofundamento do conhecimento a respeito do tema, principalmente por ser direcionado aos jovens, grupo carente de esforços de produção de conhecimento sobre a temática.

Alexandre Assis Tomporoski

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor permanente do programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional (PMDR/UnC)

Dedico esta obra:

Aos primeiros moradores da região do Contestado que tiveram suas crenças, usos e costumes desrespeitados, sua dignidade roubada e suas vozes caladas em nome do lucro e da ganância. E ao meu querido pai, Alair D. F. de Campos, um dos primeiros leitores e incentivadores deste livro.

Agradecimentos:

Ao meu amigo, professor Alexandre Assis Tomporoski, que se tornou importante interlocutor e revisor historiográfico deste projeto. Obrigado por seu incentivo, dedicação e comprometimento.

Sobre o autor:

Ricardo é natural de Canoinhas, norte de Santa Catarina. Formado em Letras – Português e Inglês e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, atuou em escolas do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e particular, escolas de idioma, instituições de ensino técnico e de graduação. Atualmente, trabalha como professor de Português do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Santa Catarina.

Ana e Tobias

Era uma tarde de verão de 1911. Os raios de sol já se escondiam por detrás das copas de uma diversidade de árvores como as araucárias, imbuías, aroeiras e jacarandás que povoavam o planalto norte catarinense, inclusive as margens do rio Iguaçu.

- Ele fugiu! Fugiu! – gritou José, apontando para o peixe que se debateu na linha, mas conseguiu escapar nas turvas águas do rio.

- Eu já vi...- respondeu seu irmão Tobias, desapontado – Chega de peixe por hoje. Bamo embora que já tá tarde!

- Peraí! – falou o menino. Ele sentiu na linha as fsgadas de mais um peixe que parecia ser um dos grandes.

Não demorou e uma bela traíra surgiu na superfície. Sob os gritos de alegria de José, ela foi arrancada do rio e lançada habilmente para a beira do barranco onde os irmãos estavam.

- Óia só, que beleza! – comentou o menino enquanto observava orgulhoso a traíra que se debatia no capim rasteiro. Olhou para Tobias e com um sorriso malicioso cantarolou, repetidas vezes, a seguinte frase para o irmão mais velho:

- Tobias só pegô 4 e eu peguei 8...- e terminou numa risada provocativa.

- Óóób...piá! – Tobias ergueu o braço por alguns segundos, como se fosse bater no pequeno.

Tobias era um rapaz de feições sérias, talvez mais sérias que os seus 17 anos exigiam. Ele era moreno ‘cor de cuia’, assim como seus antepassados africanos e indígenas, olhos castanhos, cabelos negros e escorregadios, magro, porém de uma musculatura desenvolvida – fruto das várias tarefas que fazia com seu pai. Enquanto José, um menino de 14 anos, ao contrário do irmão, era de uma alegria constante. De porte atarracado, tinha olhos pequenos e espertos e uma testa curta abaixo de cabelos grossos e espetados.

Eles recolheram os frutos daquela vitoriosa pescaria. Usando as arestas de uma taquara como ganchos, penduraram os peixes pela cavidade das guelras. E, com a vara sustentada em um dos ombros, começaram a rumar em direção a sua casa. Os meninos estavam longe de sua morada e teriam que atravessar uma boa área de mata. Mas eles conheciam muito bem aquela região devido às caminhadas, às caçadas com o pai e às pescarias no rio Iguaçu.

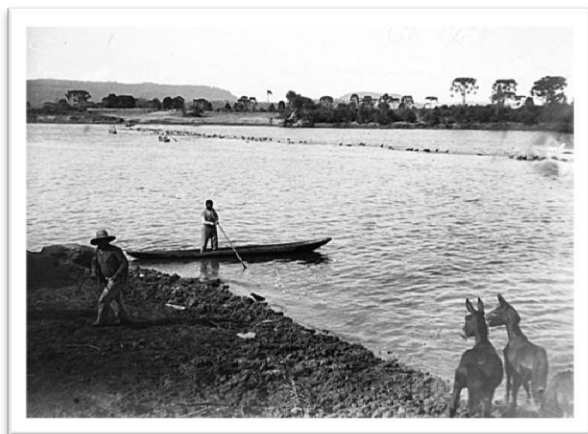


Figura 02 - Mulas cruzando o Rio Iguaçu - Porto União da Vitória 1912. Foto de Claro Jansson.

Perto dali, chegou outro grupo de garotos também para pescar. Todos pertenciam à mesma família de polacos, os Kaminski, vizinhos que moravam não muito distante do rio. Naquele dia, entretanto, estava entre eles a irmã mais nova chamada Ana. Enquanto se afastava pela margem do rio, Tobias pôde ouvir, entre os risos de seu pequeno irmão, o barulho de uma pessoa cair na água.

Ele se voltou para o outro grupo de polacos, curioso sobre o que tinha acontecido. Seguiram-se então gritos e Tobias percebeu que a menina estava na água, sendo carregada pela turbulenta correnteza. Sem hesitar, o caboclo lançou-se ao rio, sob o olhar perplexo de seu irmão. Após algumas braçadas, o rapaz alcançou as vestes da menina e a agarrou com uma das mãos. Os

irmãos de Ana também já estavam dentro da água, com o propósito de salvar a menina. Mas Tobias o fez primeiro, arrastando-a para a margem.

Consciente, a pobre menina estava naturalmente assustada e trêmula, mas sentiu, nos braços daquele jovem desconhecido, uma segurança que ela nunca teve antes. Tobias a segurou por alguns instantes enquanto seus olhos observavam, admirados, o rosto daquela menina: os olhos dela eram tão azuis como o céu limpo de inverno, a pele clara e delicada e os cabelos dourados como a pastagem seca. Um anjo! – pensou ele – lembrando-se de um velho retrato de Nossa Senhora rodeada de anjos que sua mãe ganhara de dona Tica, sua tia. Ele já tinha visto a moça algumas vezes, mas nunca com tal encantamento.

Os irmãos de Ana os cercaram, alguns ainda retomando o fôlego. O jovem caboclo a ergueu enquanto Jorge, o irmão mais velho de Ana, perguntava se ela estava bem. A menina não disse uma palavra, apenas indicou com a cabeça que sim. Tímida, ficara envergonhada por ter se tornado o centro das atenções naquele instante e manteve os olhos voltados para o chão. Seus irmãos então a levaram para casa. Tobias permaneceu no mesmo lugar, observando aquela criatura angelical afastar-se lentamente.

O baile de pixirum

*“Carpiam o dia inteiro e cantavam, fazendo relampeá as
ferramenta.”*

Coincidência ou não, os dois voltaram a se ver algumas semanas depois do incidente no rio. Seu Antenor Kaminski, pai de Ana, pretendia roçar um bom pedaço de suas terras e, como era o costume, pediu auxílio à vizinhança. A este tipo de trabalho cooperativo se dava o nome de pixirum.

Mal os primeiros raios de sol se espalhavam pelo capão verdejante, o grupo já estava reunido em frente à casa de Antenor: um rancho simples, feito de rachão de imbuia, pequenas janelas fechadas com tramela e coberta por um telhado de tabuinhas lascadas. Como se via em muitas outras, a casa era rodeada de árvores frutíferas como pessegueiros, limoeiros ou laranjeiras. Entre os que aguardavam, perto do pequeno portão, estavam Maneco (o pai de Tobias e José); Jeremias; os dois irmãos Fritz, Adalfredo e Abelardo; o gaiteiro Zé Dias; o violeiro Gumerindo, e o jovem Tobias. Depois das saudações costumeiras, Antenor e seus filhos conduziram aqueles homens por um carreiro que atravessava suas terras até o local onde deveriam roçar.

Enquanto as foices e os facões relampeavam, derrubando a espessa vegetação, a prosa corria solta. Contavam-se as novidades, as fofocas e as piadas ouvidas nas redondezas.



Figura 03 – Grande parte da população da região do Contestado era composta por humildes posseiros. Foto de Claro Jansson.

Seu Antenor, que havia convocado o pixirum, tinha trazido três garrações de pinga com limão para a turma. À medida que eles avançavam pelo roçado, os garrações de pinga os acompanhavam, como que demarcando o progresso dos trabalhos. E naquele estado de embriaguez, contavam-se as notícias mais recentes da região.

- Ouvi falá, na bodega do seu Agenor, que tão expursando toda aquela gente que mora perto do rio Paciência. – falou Abelardo Fritz.

- Capaiz! - exclamaram alguns deles.

- Má quem tá aprontando essa marvadeza, compadre? – perguntou Zé Dias.

- O coronel Fabrício Vieira e o Artur de Paula. Disseram pros cabôco que agora eles são os dono dos erval que tem por lá.

- *Eles devia é pregá chumbo na cabeça daqueles coroné assim como eu fiz com os bugre que arrodiam minha casa dias atrais... – disse Gumerindo, todo orgulhoso.*

- *Com os bugre o tratamento tem que sê ôtro! – interrompeu seu Maneco – Se esqueceu dos ensinamento de João Maria?*

- *Não se deve martratá os bugre, compadre! – complementou o gaiteiro Zé Dias.*

Salpicavam também as brincadeiras e gozações entre eles. A labuta e a diversão, então, mesclavam-se.

- *Semanas atrais vi o compadre Jeremias na bodega do seu Agenor negociando três caixa de ovo de codorna. – comentou Gumerindo, com uma risada maliciosa.*

- *Tá carecendo de reforço prá dá conta da muié? – indagou Adalfredo Fritz soltando uma enorme gargalhada que foi acompanhada das dos demais com exceção, obviamente, de Jeremias.*

- *Se mate, Jeremias! Tão ratiando de vancê! Ai se fosse comigo! – provocou Zé Dias.*

- *Pregunte prá minha muié se ela tá carecendo de alguma coisa! – esbravejou Jeremias, girando a sua foice no ar de forma ameaçadora.*

- *Óia...mió não arriscá! Que tal que ela diz que sim! – falou Abelardo.*

Outras risadas e, quando parecia que não haveria mais provocações, Gumerindo questionou:

- Os ovinho de codorna já tão fazendo efeito?

Mais gargalhadas ecoaram no roçado.

- *Vô picá vanceis e pinxá no rio!* – respondeu o alvo das gozações.

- *Por falá em ovo de codorna...* – disse Maneco num tom mais sério - *...vanceis se alembraam do causo do ricação Juca Pimpão?*

- *Não!* – responderam os demais.

- *De quando a famíia dele viu João Maria argum tempo atrais...*

- *Ab é? Conte esse causo, Maneco!*

- *Juca tava armoçando com a muié e as criança dele quando chegô um véinho com uma sacadinha nas costa e falô: ‘Eu vim pedi uma comida, eu tô meio com fome’. E o ricaço nem deu ouvido e continuou armoçando com a famíia. A muié dele disse: ‘Bamo dá um prato de comida pra esse véinho aí, disse que tá com fome’. O Juca Pimpão respondeu: ‘O quê? Que vá trabaiaá, esse vagabundo! Se quisé comida que vá trabaiaá’. E eles continuaram armoçando e o véinho, coitado, saiu. Uma das criança se afogo-se com um pedaço de carne! A muié, desesperada, pediu pro marido sarrá a criança que tava morrendo. Saiu correndo atrais do véinho e pediu ajuda pra ele. O véinho foi até o piá e disse uma simpatia assim: ‘A muié é boa, o marido é malino. Eu quero que Deus desafogue esse menino’, e baten nas cadera do piá. O pedaço de carne pulô longe. Daí o ricaço disse: ‘Veja o armoço pro home, pro véinho aí, muié’. Não! Eu tô viajando meu caminho. Já tô almoçado. O véinho era São João Maria.*

- *Memo martratado, ele ainda sarvô a vida do piá! — refletiu seu Antenor.*

- *É um santo! — responderam os demais como em um coro.*

O sol estava a pino. Voltaram à casa do seu Kaminski para almoçar e descansar um pouco. Da cozinha já exalava o cheiro apetitoso de virado e mandioca frita com toucinho preparado pela dona Lurdes, uma polaca viçosa e faceira, e suas filhas Fermina e Ana. Atrás da casa, havia uma área coberta e um grande pátio preenchido por pequenas hortas e um enorme pé de pera, ao centro. Uma longa mesa e bancos de imbuia os aguardavam. Alguns já se aproximaram e se sentaram à mesa, seduzidos pelo aroma da comida.

Enquanto o almoço não era servido, Tobias, encostado em um dos pilares que sustentava a cobertura do pátio, observava a agitação na cozinha, com especial atenção a Ana. Na mente do rapaz, formava-se a imagem romanceada de Ana preparando o almoço para os dois, já casados e morando no rancho que tinham recém construído. De repente, Ana percebeu seu olhar e parou por alguns segundos. De volta ao mundo real, Tobias baixou os olhos, encabulado. Mas tomou coragem e voltou a encará-la e percebeu um leve sorriso sair por um dos cantos da boca da moça, antes de voltar às tarefas. Naquele instante, o rapaz percebeu que o sentimento era recíproco e uma grande felicidade invadiu o seu coração.

Dona Lurdes mal saiu da cozinha e pôs as primeiras panelas sobre a longa mesa, o restante dos homens se aproximou e se acomodou nos bancos. Já as mulheres almoçaram na cozinha, como faziam costumeiramente quando

estava apenas a família em casa. Depois de comerem e beberem alguns goles de cachaça ofertada pelo anfitrião, eles decidiram descansar um pouco antes da segunda parte da empreitada à tarde. Zé Dias sentou-se sobre as grossas raízes de um velho pé de pera, pegou sua gaita e começou a tocar algumas canções. Seu Maneco, sob a mesma sombra generosa, preparou tranquilamente um palheiro para fumar. Os irmãos Fritz, Jeremias e seu Antenor permaneceram na mesa, jogando bisco. Tobias e outros rapazes, incluindo os filhos e sobrinhos do seu Kaminski, conversaram em uma roda, sob a sombra lateral da casa.

De repente, Ana surgiu no pátio, caminhando apressadamente em direção aos fundos do quintal. Carregava nos braços uma gamelinha cheia de lavagem que seria dada aos porcos no chiqueiro.

A moça entrou no mangueirão e se aproximou dos animais. Ela se inclinou levemente e despejou a lavagem no cocho que ficava na parte interna. Entre gritos e grunhidos, os porcos cercaram o cocho e começam a devorar toda a ‘saborosa’ comida. Ana ergueu-se rapidamente e, ao voltar-se para a saída do mangueirão, se deparou com a figura de Tobias, a poucos metros de distância, observando-a fixamente. Ela levou as mãos ao peito e exclamou:

- Vancê me deu um baita susto!

O caboclo sorriu e agachou-se para pegar a gamelinha que caíra no chão.

- Discurpa!

Com os olhos baixos de timidez, ele perguntou:

- Não foi mais co seus irmão no rio?

Ana deu uma risadinha e responderu:

- Ah não! Depois daquela vexamera que fiz.... – e falando num tom mais sério - Quase mi afoguei no rio se não fosse vancê...

Eles então ouviram o grupo de homens chamando por Tobias. Estavam retornando ao trabalho. O rapaz correu em direção aos chamados sem deixar por alguns instantes de olhar para ela. A moça achou graça dos tropeços que Tobias deu pelo caminho de volta ao roçado.

- Onde vancê tava, piá? – perguntou seu Maneco segurando outra garrafa da “branquinha” – mais uma oferta do dono do terreno e que seria degustada ao longo dos trabalhos da tarde.

- Tava proseando com a fia do seu Kaminski– respondeu o rapaz.

- Ah! Piá bão! Puxô o pai! He! He! He! – falou Maneco, tendo o cuidado para que seu Antenor não ouvisse.

E o trabalho prosseguiu. Eram cerca de seis horas da tarde quando seu Antenor Kaminski, enfim, falou:

- Terminemo de roçá. Bamo se aprontá pro baile!

Chegou a hora mais esperada por todos: o baile de pixirum. Faceiros, apesar do cansaço, aqueles homens dirigiram-se a um grande paiol erguido pelo seu Kaminski há alguns anos. Lá, reuniram-se também as esposas deles e os outros parentes e vizinhos de Antenor. Zé Dias acomodou novamente sua gaita contra o peito, Jeremias, o cavaquinho e Gumerindo, o violão. Juntos,

sentaram-se sobre banquetas de imbuia num canto do paiol e começaram a animar o baile. Os casais dançarinos rodopiavam no meio do 'salão'. A banda cabocla retumbava. Uma alegria de vozes e sons inundava o paiol.



***Figura 04 - Típico paiol da região do Contestado.
Acervo de Fernando Tokarski.***

Por volta das dez da noite, Adalfredo falou ao organizador da festa de encerramento:

- Ó Antenor, uns home de fora, uma piaçada lá, querem dançá no baile aí com nós.

- Pus mande que entrem. Mais diga que quem tem faca ou revólve, tem que entregá pro Adalfredo se quisé dançá aqui.

Enquanto a turma se divertia pela madrugada adentro, Maneco, Antenor e os irmãos Fritz combinavam o próximo pixirum, em tom de segredo:

- Bamo batê uma surpresa no Jeremias, ele tem uma rocinha que tá quase morrendo no mato! – falou Maneco.

- Eu levo um leitãozinho prá carneá! – disse Abelardo, pois sabia que Jeremias não teria condições de oferecer um almoço para eles.

- E eu a cachaça! – comentou um dos Fritz.

- Juntamo uns dêiz cabôco e carpimo a rocinha dele num dia! – concluiu Antenor.

Mas a noite não foi só feita de momentos de alegria e confraternização. Um dos rapazes que entrara mais tarde, conhecido como Reginaldo, das bandas da Serra do Lucindo, depois de muita cachaça, resolveu bancar o valente. Aproveitou-se de um choque casual entre dançarinos e quis puxar briga com um desafeto seu, um alemão chamado Roeder. A turma logo os separou, colocou o exaltado para fora e o mandou embora.

Um casal, entretanto, nem percebeu o desentendimento que ocorrera. Era Tobias e Ana. Estavam dançando por horas. Seus olhos se fitavam numa alegria contida.

- Semana que vem tem a festa de São Sebastião. Vancêis vão na missa? – perguntou Tobias, quebrando um silêncio momentâneo que se fez entre eles.

- Sim, bamo. O pai vai inté participá de um concurso!

Naquele momento, seu Maneco e sua mulher aproximaram-se do jovem casal e chamaram-no para irem embora uma vez que o sol já estava raiando.

- Se vemo lá então! – falou o jovem caboclo, um tanto atrapalhado, mas sério como sempre.

A moça o viu desaparecer entre o povo do baile. Suas amigas rapidamente se aproximaram dela querendo saber mais sobre o que passava entre eles. Foi difícil esconder delas, pois era um amor que nascia...



A festa de São Sebastião

“[...] dois ou três homens, em geral, assistiam à missa aos domingos e dias santos. Só quando havia festas, o povo vinha não para rezar, (...) mas para se divertir”.

Era festa em homenagem a São Sebastião, o padroeiro da localidade. Enquanto os habitantes das redondezas chegavam para assistir a missa, havia aqueles responsáveis por assar o churrasco que seria vendido após o ato religioso. Outros, sob o comando de seu Otacílio - um senhor alto com longa barba branca e respiração ofegante - erguiam as barracas e botequins na frente da capela para também vender quitutes e bebidas aos participantes do festejo. O lucro de tais vendas seria revertido em prol da reforma e ampliação da própria capela do distrito.

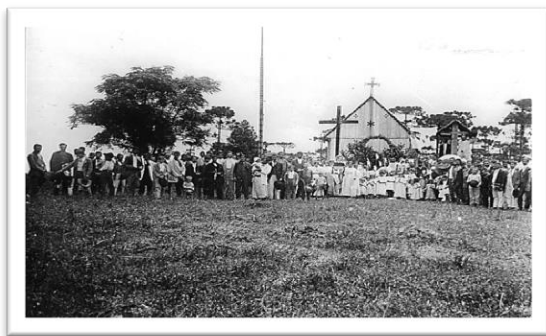


***Figura 05 - As festas religiosas representavam um importante momento de socialização e confraternização entre os sertanejos.
Foto de Claro Jansson.***

Tobias percebia que os olhos de seu pai brilhavam nestas ocasiões, pois era a oportunidade de se reunir com os amigos e conhecidos, tomar um mate, uma branquinha e conversar, ou melhor, levar um dedo de prosa.

A missa teve início e quem a conduziu foi um capelão leigo chamado Mathias Alvarenga, pois os padres, sempre em lombos de cavalos ou mulas, costumavam visitar as localidades apenas de tempos em tempos. A capela era simples e pequena e não comportava muitas pessoas. Entretanto, não faltou lugar, pois a maioria das pessoas preferia ficar do lado de fora, aguardando o que para elas era o mais importante: o festejo.

O jovem caboclo percorreu com os olhos os presentes e encontrou a sua bela Ana. A família da moça estava sentada na primeira fileira de bancos. Não demorou e a jovem se voltou para trás e os seus olhares se encontraram.

Tobias foi tomado por um encantamento ao vê-la esboçar um leve sorriso, mas ele não foi o único.

Encostado à porta da capela, entre um gole e outro de cachaça, Antônio observava atentamente aquela jovem, desde o momento em que ela chegou ao festejo. Antônio Zumman, ou simplesmente Tonhão, como seus conhecidos o chamavam, era um rapaz alto e forte. Ele estava no vigor de seus 25 anos e exibia na pele clara, nos olhos azuis e nos cabelos loiros, a sua origem europeia. Pertencente à terceira geração dos primeiros imigrantes alemães que chegaram à localidade de Rio Negro por volta de 1829, Tonhão abandonou a vida tranquila de agricultor que seus pais lhe ofereceram e decidiu tornar-se vaqueiro. Nos últimos anos, estava trabalhando na fazenda do coronel Joaquim Osório. Por vezes, quando não tinha muita serventia por lá, ajudava a levar rebanhos de gado para vender em outras paragens, o que lhe ajudou a conhecer muito bem a região.



Figura 06 - No Paraná, a imigração de alemães começou em 1829 com a vinda de 51 famílias na região de Rio Negro.

Fonte: www.imigracaoalemasc.com.br

Dias atrás, Antônio passou pela casa de Ana quando levava alguns bois do coronel Osório para a família dos Pacheco que morava poucos quilômetros dali. Ela estava na janela, colocando alguns cobertores ao sol. Ao vê-la, o vaqueiro sorriu e inclinou o chapéu para cumprimentá-la. A polaca retribuiu com o mais belo sorriso até então visto por aquele rapaz. Antônio ficou completamente encantado por ela. Tratou logo de buscar um pretexto para aproximar-se e falar com a moça.

- Buenas! — disse ele, mantendo o seu cavalo o mais próximo da janela.*
- Buenas! — respondeu a polaca.*
- A moça tem água prá dá? Tá tão quente hoje i eu me esqueci do meu cantil.*
- Tem sim.*

Não demorou e a jovem retornou com uma caneca nas mãos. Atravessou com passos cuidadosos o pomar e colocou-se ao lado do vaqueiro. Antônio pegou lentamente a caneca, não somente para evitar que ela caísse, mas poder também tocar nas mãos daquela que ele considerou a moça mais bela daqueles sertões. Antes de tomar toda a água, o rapaz falou:

- Meu nome é Antônio. E qual é a sua graça?

- Meu nome é Ana.

- Brigado, Ana.

- De nada, moço.

- Vai na festa de São Sebastião?

- Vê com minha família, mais por quê? — indagou a jovem, surpresa com a pergunta.

- Porque vó me apresentá pros seus pais e dizê que vó fazê de tudo pra merecê vancê! — o alemão soltou a caneca nas mãos da moça e voltou a conduzir a tropa de bois.

Ana não lhe disse nada, apenas observou por alguns momentos o vaqueiro afastar de sua casa antes de voltar aos seus afazeres domésticos.

Entretanto, na capela, Antônio percebeu que a bela moça estava sorrindo para outro rapaz: o Tobias. Um mesclado de ciúmes e inveja tomou conta de sua mente já embriagada. Resmungou algumas palavras amaldiçoadoras ao Tobias enquanto acariciava lentamente a sua faca presa à cinta.

A missa terminou. Para muitos, o pós-culto era o que realmente interessava, pois era o momento de comer, beber, conversar e saber das novidades. Os fiéis, aos poucos, foram saindo para a área de festa. A fumaça apetitosa do churrasco já tomava conta do ar e, pouco depois, já se ouviam as conversas animadas tomando conta do lugar.

Ao lado da capela, havia um galpão rústico feito de imbuia onde os participantes podiam sentar-se em longas mesas. O festejo contava também com personalidades importantes da localidade como o Dr. Felipe dos Santos e o Dr. César Otaviano que em breve se tornariam, respectivamente, o juiz de direito e o promotor público da comarca de Canoinhas ainda em 1911. Acompanhando-os, estavam os coronéis Joaquim Osório e Ernesto Veloso, grandes fazendeiros daquela região.

Esses homens, como em todo festejo, reuniam-se em uma mesa com suas famílias. Ernesto, ao contrário dos demais, comia lentamente o seu pedaço de churrasco. Apesar de ser um homem da lida, como diziam, primava pela sua aparência: cabelo molhado e alisado para trás, bigode bem aparado e um terno cinza cuidadosamente confeccionado que delineava sua magreza musculosa. Seus olhos profundos e negros davam-lhe uma imagem de esperteza aguçada. Enquanto comia, observava o povo se divertindo até que comentou em tom baixo, quase para si mesmo:

- Muitos desses vô te que tocá das minhas terra.

- Por causa da alta do preço da erva-mate? Não quer que eles entrem nos seus ervais? – perguntou Otaviano, por um dos cantos da boca ainda cheia de comida.

- Não. É por causa da ferrovia que tão construindo. Aposto que o Governo vai pagá muito bem por onde ela vai passá.

- Eu também ouvi falar da construção do ramal União da Vitória – São Francisco do Sul. Ela está sendo feita por uma empresa americana que ficará responsável pela colonização dessas terras. – comentou Dr. Santos, um senhor de feições arredondadas e cabelos grisalhos.

- Mas não é só isso! – interveio o coronel Osório - Ouvi dizê que montarão serrarias bem maiores que essas que temo por aqui.

- Mais um motivo para tocá essa caboclada de lá! – complementou Ernesto, com um sorriso.

- E conseguir do Governo a escritura de novas terras! – disse Otaviano.

E o festejo continuou, agora, ao som de uma pequena, mas animada banda composta de um rabequeiro, um gaiteiro, um sanfoneiro e um bumbeiro.

Como fora combinado, Tobias e Ana se encontraram atrás da capela. Estavam um de frente para o outro, numa alegria transbordante. O rapaz pegou nas mãos da menina e disse:

- Minha mãe tem uma image de Nossa Senhora pendurada na parede. Toda vez que tem reza em casa, ela pega aquela image. Ela acha bonita a Nossa Senhora por mode que tá cheio de anjinho rodeando ela. Depois que conheci

*vancê, eu fico oiando aquela image também...aqueles anjo me alembra
vancê... seu zoinho azur, seus cabelo...- com a outra mão, Tobias acariciou a
cabeça inclinada de Ana.*

*Antonio aproximou-se da capela esgueirando-se pela multidão como
um espectro. Arrançou da cinta a sua faca de lâmina curta e afiada, decidido
a interromper da pior maneira possível o primeiro encontro de Ana e Tobias.*

- Esse piá de bosta nunca mais vai querê chegá perto da minha polaca!

*Ana ergueu lentamente seus olhos. Os dois estavam sorrindo numa intensa
felicidade. Surgiu então uma pessoa diante deles...*

*Tratava-se de Maristela, a melhor amiga de Ana. Aflita, a moça
exclamou:*

*- Aninha, teu pai tá te chamando! Logo começa a procissão! Bamo vortá,
depressa!*

O Tonhão caminhou a passos largos em direção à capela.

*De repente, uma mão caiu sobre o seu ombro direito. Assustado, ele
voltou-se, apontando a sua arma contra um possível agressor.*

*- Oh, Tonhão! Só eu, Dagoberto! — exclamou outro rapaz, levantando as suas
mãos. — Guarda essa faca, homi! Eu tava te chamando! Ficô surdo?*

*- O que mecê qué? — perguntou Antônio, raivoso, ainda segurando firmemente
sua arma.*

*- O coroné te chamô. Ele qué resorvé aquela pendenga com os Vidigal ainda
hoje.*

- *Diga que eu tenho uns assunto prá resorvê e já vô!*

Tonhão retomou seu caminho em direção à capela. Mas foi novamente contido por Dagoberto que falou:

- *Tem que ser agora! Não vai querê fazê essa disfeita pro coroné...vai?*

Antonio parou. Lembrou-se das terras que o coronel prometera a ele.

Então Dagoberto pôde perceber o peito de Antônio se inflar numa profunda inspiração como que sinalizando a retomada do seu juízo. Guardou a sua arma e seguiu seu colega. Dirigiram-se até um grupo de cavaleiros armados que os aguardava a certa distância da festa.

- *Se vemo perto do rio! — foram as últimas palavras de Ana a Tobias, antes de ser levada por sua amiga.*

E a festa prosseguiu de forma animada. Por volta das três da tarde, a banda já se preparava para acompanhar a procissão em homenagem ao santo padroeiro da localidade quando Voiladella, embriagado como muitos, aproximou-se de Poloniski, o bumbeiro da banda, e segurou a mão do músico para bater com mais força no instrumento.

- *Bata nesse bumbo como home! — falou o ébrio festeiro.*

Poloniski, irritado com a atitude do italiano, advertiu:

- *Se mecê viê de novo eu te acerto com essa baqueta na tua cachola!*

O aviso não surtiu efeito. O bêbado novamente se aproximou com o intuito de provocar um barulho mais forte no instrumento. Mas, desta vez, o músico cumpriu sua ameaça e o golpeou na cabeça com a baqueta do bumbo,

fazendo Voiladella cair ao solo, desnortado mais pela bebida do que pelo golpe de baqueta.

Surgiu Manoel Athanagildo de Souza, amigo do ferido. Tão embriagado quanto Voiladella, berrou para o bumbeiro:

- Isso não fica assim, seu polaco safado! – retirou da cinta sua faca e a agitou ameaçadoramente no ar.

Mas rapidamente uma pequena multidão o cercou e o desarmou. Voiladella e seu amigo foram então expulsos da festa. Após a briga, o povo seguiu alegremente em procissão, entoando as cantigas religiosas sob a liderança da voz grave do capelão.

Guiado por forças de outro mundo

A noite rapidamente encobriu os contornos já sem folhas dos jacarandás e guatambus. Um vento gélido começava a soprar, confirmando o início de mais um inverno rigoroso. Por entre alguns ramos de arbusto, Antônio comprimiu os olhos e conseguiu ver o pequeno grupo de pistoleiros a cavalo, fazendo a curva da estrada. Tonhão fez sinal com o braço para os demais companheiros escondidos na mata, incluindo àqueles que estavam do outro lado da estradinha de terra batida. Era o sinal para que tomassem posição.

Naquele momento, a adrenalina já tinha consumido toda a cachaça que Antônio havia bebido no festejo. Ele só pensava em terminar o quanto antes o serviço: matar os irmãos Vidigal que aprontaram para o seu patrão. Ele não sabia ao certo qual era o motivo de tal pendenga, mas ele deveria defender os interesses do coronel. Era assim que as coisas funcionavam e era assim que ele deveria proceder.

Os pistoleiros estavam próximos e já era possível distinguir a fisionomia de cada um. Agenor, que estava um pouco atrás, murmurou:
- Ué? Os irmão Vidigal não tão ali...

Ouviram-se estalidos secos e o zunir de balas rasgando a vegetação. Apesar de estarem de tocaia, foram surpreendidos por trás. Provavelmente

alguém contou aos irmãos Vidigal sobre a emboscada e eles decidiram dar o troco na mesma moeda.

Assustado, Antônio conseguiu apenas voltar-se em direção aos disparos e revidar cegamente. Alguns companheiros não tiveram a mesma sorte e, atingidos pelas costas, tombaram, mortalmente feridos. Os projéteis pareciam agora vir de todas as direções, inclusive do grupo que se aproximava pela estrada.

Depois de ver seu amigo Dagoberto ser atingido no peito e estrebuchar aos seus pés, Antônio decidiu fugir. Dominado pelo medo, embrenhou-se na mata, na esperança de sobreviver àquela matança. A escuridão tomava boa parte do local. O que o guiava era um ponto luminoso a sua frente. Parecia ser uma pequena fogueira feita na mata.

Os disparos cessaram, mas o rapaz ainda ouvia as vozes e os passos rápidos dos homens que ainda corriam em seu encalço.

Um novo disparo foi feito.

Um amortecimento gelido tomou conta de seu corpo.

Ele caiu e acabou rolando vários metros pelo terreno em declive até terminar voltado para cima.

Não conseguiu ouvir mais nada, apenas as batidas rápidas de seu coração e a sua respiração ofegante. Voltou a cabeça para um dos lados e avistou um vulto aproximar-se dele. Era um anjo misericordioso que veio para lhe salvar ou o diabo para negociar sua alma?

Os perseguidores pararam e vasculharam o local com os olhos, mas não encontraram nenhum corpo estendido no chão. Viram apenas uma pequena fogueira feita ao pé de uma jabuticabeira e um chapéu, provavelmente de Antônio. Um deles chegou a roçar a testa suada com o cano do seu revólver mostrando não entender o que acontecera.

Eles ouviram um ruído e se depararam com Antônio, em pé, com sua arma em punho.

As chamas da fogueira subitamente ergueram-se.

Confusos e amedrontados, os dois homens recuaram.

Tropeçaram.

E, enfim, começaram a correr em direção à estrada.

Antônio pegou o chapéu e o pôs na cabeça novamente.

Os outros, que aguardavam na estrada, ouviram novos disparos. Mas o que chamou a atenção deles foram os pedidos de ajuda dos seus colegas. Resolveram entrar na mata para averiguar. Parece que o serviço ainda não tinha sido terminado.

Alguns momentos de profundo silêncio...

Berros...

Outros disparos...

O silêncio novamente.

Antônio saiu do matagal e chamou por seu cavalo que agora entendia a língua do dono e veio ao seu encontro. O sobrevivente daquela matança se

afastou lentamente. Tomou um novo rumo por aquela estrada, guiado, agora, por forças de outro mundo...

Morada de chão batido

“[...] nós vivia na base da roça, plantava de tudo. Cada um tinha que produzir tudo em casa: aipim, batata doce, abóbora, que durava muito tempo.

O que o pessoal comprava naquela época era um tanto de café, uma lata de querosene que dava pro ano inteiro, pro lampião olho de gato, açúcar amarelo e sal. Criava o porco, tinha uma vaquinha pra tirar o leite, umas galinha pra pegá os ovos. E todo mundo vivia bem.”

Mais uma pescaria bem sucedida no rio Iguaçu. Tobias e José pegaram o carreiro rumo à sua casa. Tobias ficou surpreso como o tempo havia passado tão rápido, mas feliz porque lembrou que amanhã veria Ana, como já faziam desde aquele encontro na capela.

Eles deveriam se apressar, pois o dia findava e logo o frio gélido do planalto norte catarinense chegaria para dominar a noite. Mas nada impediu os meninos de brincarem pelo caminho. Costumavam procurar rastros de bugres e usar os seus estilingues para matar passarinhos. Mas, desta vez, Tobias encontrou dois galbos secos de aroeira no chão. Arrancou-lhes as folhas e os transformou em pequenas espadas. Uma delas deu a José, acompanhada da seguinte pergunta:

- Ainda se alembra das lição do Capitão Lourenço? – e empunhou a sua ‘espada’.

- Me alembro, mas eu tô com as mão ocupada – reclamou o menino.

Capitão Lourenço era, na verdade, um combatente que participou da chamada Guerra Federalista. Tal conflito teve início no Rio Grande do Sul em 1893, apenas quatro anos após a Proclamação da República, em novembro de 1889, e pôs em choque duas facções das classes dominantes que disputavam o controle político da região: os federalistas (ou maragatos), berdeiros políticos do antigo Partido Liberal do Império e os republicanos (ou pica-paus), novas lideranças políticas compostas por militares, profissionais liberais e antigos políticos conservadores que passaram a organizar novos esquemas regionais de poder ocupando assim os espaços que pertenciam aos federalistas.

Aliada à Marinha, a coluna federalista comandada por Gumerindo Saraiva, político uruguaio e filho de brasileiro, teve inicialmente grandes vitórias ao conquistar o planalto e o litoral catarinenses, declarando a ilha de Santa Catarina como sede do governo provisório rebelde. Os federalistas chegaram a tomar Curitiba e planejar a investida decisiva à cidade do Rio de Janeiro, então capital do país.

Entretanto, enfrentaram ainda em solo paranaense, a resistência ferrenha das tropas republicanas lideradas pelo coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro que conseguiram enfraquecer os federalistas e fazê-los recuar para o Rio Grande do Sul. O retorno das forças rebeldes foi marcado pela crueldade de ambas as partes. Os vencidos e rendidos em batalha eram